

"Sua cabeça faz a doença": as medicinas alternativas e a emergência de "novos" conceitos de saúde e doença

Renata Palandri Sigolo*

Resumo: A biomedicina construiu suas bases calcadas na idéia de dualidade entre corpo e mente, elegendo o primeiro como sujeito de sua intervenção. Apesar de se pretender hegemônico, podemos perceber diferentes idéias contrárias a este discurso. As propostas sobre o funcionamento do corpo, a gênese das doenças, sua cura e a manutenção da saúde surgem com a construção das medicinas alternativas durante o movimento denominado *New Age* e a partir de diferentes concepções advindas da medicina popular ou de medicinas orientais que, em sua maioria, deram mais ênfase ao doente como ser holístico do que à doença. Esta pesquisa pretende discutir as diferentes terapias propostas a partir de um novo paradigma e apresentadas através do periódico "Saúde!".

Palavras-chave: História da Saúde; *New Age*, Medicinas Alternativas

Résumé: La biomédecine a construit ses bases appuyées sur l'idée de dualité entre corps et esprit, en élisant le premier comme sujet d'intervention. Malgré sa prétention d'être hégémonique, on peut interpreter de différentes idées contraires à ce discours. Les propositions sur le fonctionnement du corps, la genèse des maladies, la guérison, avoir la santé, apparaissent avec la creation des médecines alternatives pendant le mouvement dénommé *New Age* et, à partir de différents conceptions provenant de la médecine populaire ou des médecines orientales qui, dans sa majorité, donnant plus d'importance au malade, étant holiste, qu'à la maladie. Cette recherche a le dessein de démontrer les différentes thérapies proposées partant des nouveaux paradigmes representes dans le magazine "Saúde!".

Mots-clés: Histoire de la Santé, *New Age*, Médecines Alternatives

Os processos que envolvem a saúde e a doença são objetos privilegiados para a investigação em ciências sociais. Estar doente ou preocupar-se com a saúde são estados que transcendem a situação orgânica e estabelecem papéis e relações sociais específicos.

As dinâmicas relacionadas a este universo produzem representações sociais e são influenciadas por elas. Concepções médicas e leigas estão presentes no mesmo cenário e não devem ser tomadas necessariamente como polaridades opostas, mas como idéias que dialogam e que estabelecem relações de poder.(HERZLICH,1991)

Uma das possibilidades de compreender essa dinâmica está em se debruçar sobre periódicos destinados ao público leigo que veiculem discursos sobre o universo da saúde. A revista "Saúde!" torna-se uma importante fonte de estudo da difusão destas concepções, uma vez que possuía como objetivo proporcionar informações sobre as doenças, sua prevenção e cura (EDITORIAL,1983:4) aos seus leitores.

* Professora doutora, Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina

Lançado em 1983, o periódico participa de um contexto muito significativo: a ascensão do movimento *New Age*, definido por D'Andrea como “uma forma de se perceber e se relacionar com o transcendente e a realidade em conjunto, mas independente de qualquer sistema de crenças e práticas” (D'ANDREA, 2000:15). Esta autonomia, bem como o afastamento de qualquer dogmatismo, foram a marca do movimento, juntamente com a crítica aos valores relacionados à vida urbana moderna. Embora o conceito seja fluído, é possível detectar algumas características como o ecletismo, o individualismo e a pós-modernidade. Herdeiro do movimento *beatnik* e da contracultura, movimento *New Age* se consolida nos anos 70 e 80, quando toma novos contornos. De recusa radical aos valores dominantes, a proposta *New Age* alcança uma grande escala de consumo de divulgação de centros e produtos, nos anos 90 (MAGNANI, 2000: 23-25).

O movimento esteve presente em diferentes dimensões do cotidiano, dentre elas a saúde. Grande número de práticas destinadas à cura e à prevenção de doenças ou ao desenvolvimento das “potencialidades humanas” fizeram parte das terapias alternativas. Porém, antes de denominar a pluralidade de sistemas de cura conhecidos, nos anos 80, como medicina alternativa, o termo foi utilizado pela OMS em 1962 no singular, para designar a “prática tecnologicamente despojada de medicina, aliada a um conjunto de saberes médicos tradicionais (LUZ, 2003:37-38). Naquele contexto, a proposta era a de encontrar soluções para as doenças das populações carentes de serviços médicos.

Gradativamente, a expressão passou a designar, no plural, as formas de cura não pertencentes à biomedicina, que tiveram seu momento de ascensão em meados dos anos 70 e na década de 1980. Vários foram os motivos para o crescimento das medicina alternativa, que encontram eco na crise da saúde e da medicina no final do século XX.(LUZ, 2003: 40) O contexto de crescimento das desigualdades sociais e da concentração da renda, faz crescer os problemas sanitários que proporcionam o retorno de doenças que se pensavam controladas, como a tuberculose que se somam a novas doenças, como a AIDS.

Devido às dificuldades sócio-econômicas e de cunho biológico, tornou-se crescente o que Madel Luz denomina de “pequena epidemiologia do mal-estar”(LUZ,2003: 42), síndrome de origem sanitária e cultural, causada pelas condições de trabalho e transformações culturais provenientes do capitalismo globalizado. Ao valorizar o consumismo, o individualismo e o prazer imediato, provocaram uma sensação de contínuo sofrimento que não se limita ao corpo físico.

Também a medicina passou por uma séria crise nas últimas décadas do século XX. Esta perpassa vários setores da prática médica que vão do ensino e preparação de

profissionais até o atendimento às necessidades de saúde mais básicas da população brasileira. Como racionalidade, a biomedicina concentrou sua atenção de modo crescente sobre a doença, aparelhada por uma sofisticada tecnologia. Esta característica, somada à diversificação das especializações, afastaram-na gradativamente do doente, que sentiu a necessidade e teve condições sociais para buscar “novos¹ paradigmas que lhe oferecessem alternativas para os cuidados com sua saúde.

Uma das características presentes no movimento *New Age* e que é partilhada pelas medicinas alternativas é a importância do indivíduo. No primeiro, o individualismo se expressa através da autonomia do sujeito, de sua busca pelo “autoconhecimento” e da responsabilidade de suas decisões individuais. Para as propostas alternativas de cura, há a retomada do doente enquanto organismo singular e como alguém que pode e deve ser visto como agente de saúde, não um paciente que simplesmente aguarda o diagnóstico e as decisões do terapeuta.

A iniciativa individual em buscar o próprio bem-estar é incentivada pela revista *Saúde!* que ressalta, já em seu primeiro número, sua missão de fornecer informações sobre alimentação, estilo de vida ou terapias que poderiam ser adotadas pelo leitor, uma vez estabelecido o diagnóstico. A ênfase é para a prevenção, também valorizada pelas medicinas alternativas que aconselhavam a adoção de um estilo de vida saudável.

Em contraste com o indivíduo, a sociedade é apresentada como a sede de origem das doenças. A sociedade brasileira, em particular, é apontada como iatrogênica por seu aspecto econômico, representado pela crise dos anos 80, potencial causadora de males cardíacos. Em um artigo, *Saúde!* convida seus leitores:

Como você, outros 120 milhões de brasileiros estão vivendo sob o impacto emocional da crise que o País atravessa. Impedir que ela atinja o seu bolso é difícil. Mas evitar que ela faça de seu coração mais uma vítima, você pode. Saúde entrevistou o Dr. Euryclides de Jesus Zerbini, uma das maiores autoridades mundiais no assunto. Eis o que ele ensina.(DIAGNÓSTICO,1983:4)

Ao Estado, gerenciador máximo da vida social, se dirigem as esperanças de proteção contra as mazelas da vida em sociedade: “O Estado tem o dever de lutar para proteger a comunidade contra as grandes causas das doenças que são a miséria, a violência, a poluição, a segurança no trabalho, os produtos deletérios como o fumo, o álcool, o desemprego e o neo-colonialismo.”(LANDMAN,1984:67)

¹ Por estarem sempre sendo reinventados, podemos considerar os paradigmas das medicinas alternativas como novos. Porém, precisamos levar em consideração que muitos conceitos como a indivisibilidade do ser humano e a individualização do tratamento não são exclusivos de seu contexto. (PORTER, 2004)

A relação entre sociedade e indivíduo estabelecida por Landmann pode ser comparada ao paralelo feito entre macrocosmos e microcosmos nos séculos XVI e XVII, quando mesmo as alterações astronômicas eram interpretadas como fatores que interferiam nas condições de saúde e enfermidade do corpo humano. Aqui, elementos sociais como miséria, violência e poluição são colocados ao lado de comportamentos individuais, como o consumo de tabaco ou álcool. A sociedade e o indivíduo são tomados como um todo integrado, fazendo parte de um mesmo sistema, assim como o próprio ser humano é considerado impossível de ser compartimentado. Esta noção holista é um dos conceitos de base tanto do movimento *New Age* quanto da maior parte das medicinas alternativas. O periódico sugere uma definição de ser humano segundo o holismo:

Para o holismo, assim, o sistema humano complexo é de um agregado muito complexo, onde todos os aspectos - objetivos e subjetivos – interagem. E nada do que é humano ou do que pertence ao planeta escapa da avaliação: a saúde humana depende de todas as saúdes – da natureza, da sociedade, da política, da economia, do meio-ambiente, da cultura. (HOLISMO, 1983:36-37)

A visão holística de medicina concebe o organismo como um todo, onde se deve observar o psiquismo, o soma (corpo) e o espírito (valores éticos) em conjunto. Comungando com esta proposta, o contexto dos anos 80 alimentou progressivamente a relação entre a doença física e o psiquismo, aproximadamente o que hoje a biomedicina denomina de doenças psicossomáticas. O alerta se dirigia às fontes do *stress*, vilão causador de doenças:

Trabalho excessivo e não criativo, ruídos, falta de infraestrutura nas grandescidades, dificuldades de transportes, problemas financeiros, perda de alguém importante, insucesso profissional. Tudo isso pode contribuir para levar uma pessoa ao stress emocional, o principal agente perturbador da saúde. (SUA CABEÇA...: 1983, 33)

Considerar o homem como ser indivisível e merecedor de cuidados individualizados é também um dos paradigmas da homeopatia. Sistema elaborado pelo médico alemão Samuel Hahnemann no século XIX, foi introduzido no Brasil na década de 1840 e passou por diferentes estratégias de legitimação ao longo de sua história (SIGOLO,1999).

Na década de 1980, apesar das disputas no interior das instituições homeopáticas, cresceu o número de cursos de especializações dedicados à medicina de Hahnemann, bem como a busca desta terapêutica por doentes (LUZ, 1996), estimulada pela oferta das medicinas alternativas e pela mudança no grau de exigência dos pacientes, já comentados no início do texto.

A homeopatia tem como conceito central em sua concepção de saúde e doença a força vital. Esta idéia foi continuamente reinterpretada, segundo suas estratégias de inserção

médica e social. Apesar destas variações, a força vital considera a existência de uma dimensão extra-física do ser humano: a doença surgiria do desequilíbrio desta força, proveniente da relação de interdependência entre exterior e interior. Sendo as patologias traduzidas pelo desequilíbrio orgânico e não por um agente exógeno, seria esta alteração o foco de atenção do terapeuta. Como cada doente manifesta de forma particular este desequilíbrio, deve ser tratado de forma individualizada.(BESSA,1994)

Um dos pontos de maior atenção da medicina homeopática é a sua terapêutica. Baseada no princípio dos semelhantes, onde os distúrbios no doente devem ser tratados com substâncias que provoquem efeitos semelhantes quando administradas em pessoas sadias, os medicamentos homeopáticos intervêm diretamente na força vital do doente, por isso são individualizados. Sua característica mais popular é uma suposta “suavidade”, contrastante com os medicamentos produzidos pela indústria farmacêutica. Considerados “menos agressivos” e por isso “mais naturais”, os remédios homeopáticos são baseados, em sua maioria, de plantas que, através de processos laboratoriais específicos, eram transformadas em soluções que contém seu princípio ativo de forma diluída. Um exemplo desta concepção podemos observar em um artigo de *Saúde!*, desaconselhando o uso da terapia em casos de epilepsia:

Como você já deve ter percebido, há algo em comum a todas as epilepsias: a necessidade de anticonvulsivantes. Alguns pais, por acharem os remédios ‘fortes’, procuram outras formas de tratamento, inclusive a homeopatia. ‘Nada disso resolve’, sentencia o dr. Rosemberg. (SEU FILHO...,1983: 62)

Também adotada por apresentar uma terapêutica “natural”, a fitoterapia tem bases assentadas sob outros parâmetros. As plantas provavelmente foram a primeira medicação empregada pelo ser humano, interpretadas segundo seus aspectos mágicos. O empirismo fez parte de sua estruturação como terapêutica, que contou com diferentes teorias e terapeutas.(CRELLIN,2002)

O crescente número de substâncias químicas medicamentosas disponíveis, em especial após meados do século XX, fez com que o uso de plantas medicinais se retraísse. Com o novo contexto dos anos 80, a fitoterapia renasce e toma, entre outros caminhos, aqueles traçados pelas medicinas alternativas.

Assim como a homeopatia, o uso de plantas medicinais admitia explicações não-materialistas do mundo, onde coexistiam diferentes cosmovisões como as provenientes das religiões afro-brasileiras, do catolicismo popular ou de rituais indígenas. Uma receita divulgada pelo periódico aconselhava: “Para tirar o mau olhado de uma pessoa doente, - e ainda atrair boa sorte – nada como uma boa defumação com plantas (benjoim e

alecrim).”(CRENDICES,1983: p.44). Mais popular do que suas propriedades mágicas era seu caráter “natural” de cura, ressaltado por *Saúde!* em sua coluna “Botica Natural”, onde eram apresentadas plantas e suas indicações, bem como a opinião médica sobre seu uso.

Apesar de distintas, tanto homeopatia quanto fitoterapia produziram representações de cura relacionadas ao adjetivo “natural”. Diante de uma sociedade urbanizada, geradora de fatores “artificiais” como o ritmo de trabalho pressionante e o lazer relacionado ao consumo, as pessoas que possuíam identidade com os ideais “alternativos” de vida partiram em busca da natureza como solução curativa. Não é à toa que o *stress* é apontado com frequência como um mal da sociedade urbana, cujo antídoto ao ser humano estava em reencontrar seu “estado natural”, através de atividades ao ar livre:

Respire fundo. Sob seus pés, a maciez da grama. Abaixese. Arranque todas as ervas daninhas que teimam em brotar. Sinta o mato, a carícia do vento no rosto, o cheiro da chuva ou o contato quente do sol.(...) Os joelhos estão sujos de terra. Você volta ao tanque, lava as mãos e passa os dedos molhados no joelho. Toda a sua angústia passou.(MÃOS...,1984:44)

A imagem da “mãe natura”, a fonte da saúde e da cura contrasta com a sociedade urbana, representação da doença. Neste embate, resta ao indivíduo desamparado evitar que os males o atinjam. Prevenção e cura tornam-se uma missão, praticamente uma obrigação individual. Torna-se imperativo evitar o cotidiano estressante e as causas do adoecimento: “Como você vê, é possível prevenir em boa parte as moléstias cardíacas, mudando seu modo de vida. Os meios estão à sua disposição – é só optar por eles. Os resultados, você colherá a partir de hoje”.(DIAGNÓSTICO,1983:4)

A volta a uma natureza idealizada, um “paraíso perdido”, talvez contivesse a promessa de um maior entendimento e controle dos processos de saúde e doença vividos pelo ser humano. As representações sobre estes conceitos, na década de 1980, nos falam de maneira contundente, sobre o descontentamento vivido diante de uma sociedade urbanizada e caótica e a esperança do reencontro com uma natureza idealizada e curadora.

Referências Bibliográficas

Fontes

- CRENDICES. Defumação contra doenças. **Saúde!** a,1.n.2, São Paulo. nov.1983.p.44
 DIAGNÓSTICO. Conselhos do Dr. Zerbini. **Saúde!** a,1.n.1, São Paulo. out.1983.p.4
 EDITORIAL. **Saúde!** a,1.n.1, São Paulo. out.1983.p.2
 HOLISMO: a cura integrada. **Saúde!** a,1.n.1, São Paulo. out.1983.p.36-37
 LANDMAN, Jayme. *Saúde e eleições diretas*. **Saúde!** a,2.n.8, São Paulo, maio.1984. p.67
 MÃOS na terra. **Saúde!** a,2.n.5, São Paulo. fev.1984.p.44

SEU FILHO tem epilepsia: nada de mais. **Saúde!** a,1.n.1, São Paulo. out.1983.p.60-63
SUA CABEÇA faz a doença. **Saúde!** a,1.n.2, São Paulo. nov.1983.p.33-36

Bibliografia

- D'ANDREA, Anthony A.F. **O self perfeito e a Nova Era**. São Paulo: Loyola, 2000.
- BESSA, Marco. **Filosofia da Homeopatia**. Curitiba: Aude Sapere, 1994.
- CRELLIN, John. *Herbalismo*. In: PORTER, Roy (org). **Medicina: a história da cura**. Lisboa: Centralivros, 2002. Pp68-93.
- HERZLICH, Claudine. *A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença*. In: **Physis. Revista de Saúde Coletiva**, a.1,n.2. Rio de Janeiro: 1991.Pp 23-36.
- LUZ, Madel T. **A arte de curar versus a ciência das doenças**. História Social da Homeopatia no Brasil. São Paulo: Dynamis, 1996.
- LUZ, Madel T. **Novos saberes e práticas em Saúde Coletiva: estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- MAGNANI, José G. C. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- PORTER, Roy. **Das tripas coração**. Uma breve história da medicina. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.
- SIGOLO, Renata Palandri. **Em busca da “Scientia Medica”**: a medicina homeopática no início do século XX. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Tese de Doutorado em História, 1999.